

SURFE E SURFE ADAPTADO

Esporte, inclusão e sustentabilidade, vol. 3, N. 2



**PATRICIA VICÁRIO, BIANCA GAMA, SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES,
ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA**



Lei de
Incentivo ao
Esporte

PATROCÍNIO



ORGANIZAÇÃO



APOIO



MINISTÉRIO DO
ESPORTE



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

CONHEÇA O VOLUME 1 DA COLETÂNEA ACESSANDO OS LINKS:

Atletismo Olímpico e Paralímpico

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Atletismo_olimpico_e_paralimpico.pdf

Esgrima e Esgrima em cadeira de rodas

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Esgrima_e_esgrima_em_cadeira_de_rodas.pdf

Basquete e Basquete em cadeira de rodas

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Basquete_e_basquete_em_cadeira_de_rodas.pdf

Vôlei e vôlei sentado

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Volei_e_volei_sentado.pdf

CONHEÇA O VOLUME 2 DA COLETÂNEA ACESSANDO OS LINKS:

Tênis e Tênis em cadeira de rodas

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Tenis_e_tenis_em_cadeira_de_rodas.pdf

Tênis de mesa e Tênis de mesa Paralímpico

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Tenis_de_mesa_e_tenis_de_mesa_paralimpico.pdf

Badminton e Parabadminton

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Badminton_e_parabadminton_2023.pdf

Futebol e Futebol de cegos

https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/eMuseu_Cartilha_Futebol_e_Futebol_de_cegos_2023.pdf

Ginástica Rítmica

[https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/Gina%CC%81stica_Arti%CC%81stica_final%20\(1\)%20\(1\).pdf](https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/downloads/Gina%CC%81stica_Arti%CC%81stica_final%20(1)%20(1).pdf)

**Veja também as exposições em 3D
acessando o link do eMuseu do Esporte:**

www.emuseudoesporte.com.br

**Acompanhe o eMuseu do Esporte
também nas redes sociais:**

Instagram: @emuseudoesporte

Facebook: eMuseu do esporte

A Eletrobras acredita no esporte como mecanismo de inclusão e transformação social.

Por isso, seguimos nossa tradição de investimento em projetos que valorizam o trabalho em equipe, a inovação e a sustentabilidade, elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, solidária e possível.



SURFE E SURFE ADAPTADO

Esporte, inclusão e sustentabilidade, vol. 3, N. 2

**PATRÍCIA VIGÁRIO
BIANCA GAMA
SILVIO DE CASSIO COSTA TELLES
ANNA CAROLINA CARVALHO DE SOUZA**

Rio de Janeiro, setembro de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Surfe e surfe adaptado [livro eletrônico] /
Patricia Vigário...[et al.]. -- Rio de Janeiro :
Overcome, 2024. -- (Esporte, inclusão e
sustentabilidade ; 3)
PDF

Outros autores: Bianca Gama, Silvio de Cassio
Costa Telles, Anna Carolina Carvalho de Souza.
Bibliografia.
ISBN 978-65-984524-1-4

1. Esportes 2. Inclusão 3. Surfe 4. Surfe -
Esporte 5. Sustentabilidade I. Vigário, Patrícia.
II. Gama, Bianca. III. Telles, Silvio de Cassio
Costa. IV. Souza, Anna Carolina Carvalho de.
V. Série.

24-225914

CDD-797.32

Índices para catálogo sistemático:

1. Surfe : Esportes aquáticos 797.32

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

COMISSÃO EDITORIAL

ANA MIRAGAYA (UNESA)
FELIPE DA SILVA TRIANI (FAETEC-RJ/UNESA)
GABRIELA CONCEIÇÃO DE SOUZA (IFRJ)
LAMARTINE DACOSTA (UERJ)
LUÍS CARLOS LIRA (UFJF)
MARINILZA BRUNO DE CARVALHO (UERJ)
RODRIGO VILELA ELIAS (SME-RJ/FACHA)

**PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

Evlen Lauer

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Esporte, Inclusão e Sustentabilidade* está organizada em três volumes. No Volume 1, são apresentados os esportes: atletismo olímpico e paralímpico, esgrima e esgrima em cadeira de rodas, basquete e basquete em cadeira de rodas, além de vôlei e vôlei sentado. O Volume 2 inclui os esportes tênis e tênis em cadeira de rodas, tênis de mesa e tênis de mesa paralímpico, badminton e parabadminton, bem como futebol e futebol de cegos. Por fim, o Volume 3 abrange a ginástica rítmica, o skate, a ginástica artística e o Surfe.

Em todos os volumes, há a preocupação em mencionar a Agenda 2030, um compromisso de cooperação coletiva pactuado entre 193 países, incluindo o Brasil, que integra a Organização das Nações Unidas (ONU). A Agenda 2030 visa o desenvolvimento sustentável e acredita que, para alcançá-lo, é necessário enfrentar o combate à pobreza e à fome como desafios globais. Além disso, busca promover o fortalecimento da inclusão e da justiça social em prol da paz universal.

A Agenda 2030 conta com 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas que visam, entre outros itens, promover educação de qualidade, saúde e bem-estar social, igualdade de gênero, empoderamento das mulheres, redução das desigualdades, consumo e produção responsáveis. Esses objetivos são incentivados, por exemplo, pelos ODS 3, 4, 5, 10 e 12.

Seguindo a mesma preocupação dos outros volumes, buscamos alinhar nosso trabalho com os ODS, apresentando esportes olímpicos e paralímpicos e entendendo o esporte como uma ferramenta para discutir temas sociais e promover conscientização. Embora o esporte não seja a única ou a principal ferramenta, ele oferece uma possibilidade valiosa para esse tipo de discussão. Os megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, geram um grande impacto social e, portanto, o esporte desempenha uma importante função, especialmente na vida de crianças e jovens.

É nesses eventos que as nações se unem em um objetivo comum: assistir a atletas que representam seus países alcançando feitos impressionantes, superando os limites do corpo e da mente, provocando comoção e promovendo tanto a competição quanto a união por um mesmo objetivo, a superação de limites tanto físicos como sociais.

O Surfe¹, apesar de ser uma prática muito antiga, só passou a integrar os Jogos Olímpicos em Tóquio 2020, que foram realizados em 2021 devido à pandemia de COVID-19. O Surfe foi adicionado ao programa olímpico como parte da agenda de modernização do Comitê Olímpico Internacional (COI), que objetivou atrair um público mais jovem e diversificado para os Jogos.

O Surfe é um esporte que depende das condições naturais, como as ondas e o clima, e é avaliado por critérios de pontuação específicos que consideram a dificuldade, a criatividade e a execução das manobras realizadas pelos atletas e pelas atletas. Esses critérios incluem a altura das ondas, a técnica e a originalidade das manobras executadas, bem como a fluidez e o estilo do Surfista.

O acesso ao Surfe pode ser restrito por várias razões, incluindo o custo de equipamentos (pranchas, roupas de neoprene), a necessidade de frequentar escolas de Surfe e viajar para locais adequados, como praias de ondas desafiadoras. Esses fatores podem limitar a prática do Surfe a pessoas com maior poder aquisitivo, contribuindo para a percepção de que o esporte é elitista.

O Surfe possui uma característica cultural por ser dominado por homens, muito em função da predominância de praticantes nas décadas de 1960 e 1970, período em que o esporte se popularizou mundialmente. Essa predominância masculina se reflete em diversos âmbitos esportivos, incluindo a cobertura midiática e as oportunidades de patrocínio. O Surfe, como muitas outras práticas esportivas, desenvolveu uma cultura associada a estereótipos masculinos, como a ideia de que os Surfistas são aventureiros destemidos e fortes, características socialmente pouco associadas a mulheres.

O Surfe como campo em que o feminino é visto ainda como exceção, dá a pensar que os esportes na natureza, a educação ao ar livre ou o turismo de aventura, apesar de apresentar potencial em promover novas condutas políticas e a virtuosa sensibilidade ambiental, não estão livres de reproduzir outros padrões de dominação.

Atualmente, há uma crescente valorização do Surfe feminino. Os estereótipos que costumavam desincentivar a participação de mulheres e meninas e criar barreiras para a inclusão, têm sido cada vez mais superados. Nesse sentido, espera-se que a promoção da inclusão, através da melhoria da acessibilidade e da igualdade de gênero, seja fundamental para a democratização da modalidade.

¹Surf é o termo em inglês para o esporte e é amplamente utilizado no Brasil e em outros países de língua portuguesa. Por outro lado, o Surfe é a forma adaptada ao português e está de acordo com as normas ortográficas da língua. Assim, preferimos utilizar o termo Surfe.

Neste contexto, busca-se aprofundar a compreensão sobre o Surfe e outros esportes, explorando não apenas suas regras e critérios de avaliação, mas também suas limitações e potencialidades. Esse exame inclui uma análise das normas que regem a prática e a competição, bem como uma reflexão sobre as simbologias e representações culturais associadas ao esporte. Além disso, é importante considerar o histórico da modalidade, entendendo como ela evoluiu ao longo do tempo e como suas práticas e valores foram moldados por influências sociais e culturais.

Ampliar o olhar sobre esses aspectos permite uma apreciação mais ampliada do esporte, revelando não apenas os desafios técnicos e físicos enfrentados pelos atletas, mas também o impacto cultural e social das práticas esportivas. Essa abordagem proporciona uma visão mais rica e informada sobre como o esporte interage com a sociedade e com o meio ambiente, e como ele pode ser uma ferramenta poderosa para discussão e reflexão sobre temas amplos, como inclusão, sustentabilidade e identidade cultural em diversos âmbitos sociais e principalmente nas escolas.

A utilização de materiais reciclados no contexto do ensino e prática do Surfe oferece uma oportunidade valiosa para promover aprendizagens significativas que vão além das técnicas esportivas. Essa abordagem pode incentivar a adoção de práticas sustentáveis, como o descarte adequado, a reciclagem e a redução da geração de resíduos. Além disso, integra a consciência social, ambiental e econômica, alinhando-se diretamente com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Ao incorporar materiais reciclados no processo de aprendizagem do Surfe, os educadores não apenas possibilitam a vivência de determinada prática corporal, mas também promovem reflexões acerca da importância da sustentabilidade e responsabilidade social, temas fundamentais para alcançar os ODS.

Portanto, ao conectar o Surfe com práticas de sustentabilidade, estamos potencializando a educação sobre o esporte e contribuindo para uma conscientização mais ampla sobre o impacto ambiental e social das nossas ações, refletindo diretamente os princípios dos ODS e fomentando uma cultura de responsabilidade e respeito pelo meio ambiente.

As possibilidades de diálogo e conhecimento que o Surfe pode trazer para as aulas de Educação Física são diversas. Assim como outras práticas ainda não tão comuns nas aulas, o Surfe tem muito a contribuir para a área. A educação por meio da modalidade pode abordar conscientização ambiental, cooperação e socialização, pro-

moção da saúde, melhora no aproveitamento escolar, aspectos psicológicos, cognitivos e motores, capacidade de concentração, superação de limites, contato com a natureza, experimentação de sensações, autoconhecimento, autonomia, entre outros.

Acredita-se que, considerando todos esses fatores, o esporte pode contribuir para a formação de pessoas mais atuantes, conscientes e responsáveis, melhorando a qualidade de vida. No entanto, é necessário que o docente se aprofunde no tema a ser trabalhado com a turma.

Docentes podem propor ideias que valorizem o imaginário das crianças, como a construção de suas próprias pranchas. Essa atividade pode despertar questões sobre a prática, instigar a curiosidade e percepção dos estudantes acerca do Surfe, e possibilitando, por exemplo, a realização de atividades simuladas no pátio da escola, com um contexto imaginário narrado pelos professores.

A prática simulada do Surfe pode ser amplamente estimulada e utilizada de forma criativa nas aulas de Educação Física. No entanto, é importante reconhecer que, em escolas localizadas longe do litoral, o ensino do esporte pode ser menos prevalente. Esse fenômeno pode ocorrer por vários fatores, como a falta de recursos, infraestrutura e desafios logísticos. O Surfe pode ser menos escolhido em escolas distantes do litoral também devido a uma série de outros desafios, mas é preciso a criatividade para adotar diversas estratégias que podem ser incorporadas ao esporte de maneira adaptada e eficaz no currículo escolar, estimulando o interesse e o aprendizado dos estudantes.

Sendo assim, a coleção se propõe, além de promover o debate sobre inclusão e sustentabilidade, (a) Apresentar determinados esportes que compõem os Jogos Olímpicos e Paralímpicos, incluindo memórias, história, conceitos, regras e biografia de atletas representativos; (b) Apresentar possibilidade de atividades lúdicas relacionadas aos esportes que possam ser realizadas com uso de materiais recicláveis e/ou de baixo custo; (c) Incentivar o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais; (d) Estimular a consciência ambiental, social e econômica por meio do incentivo à reciclagem e à reutilização de materiais e (e) Explorar as identidades plurais que constituem a sociedade.

Desejamos, portanto, que a leitura deste material seja agradável e proveitosa, e que seja um meio de incentivo pela busca do estilo de vida sustentável, saudável, consciente e ativo em todas as idades.

OS AUTORES

SUMÁRIO

- 9** **1. O SURFE: CONCEITOS E UM BREVE PASSEIO PELA HISTÓRIA**
 - 14 1.1 Regras básicas
 - 15 1.2 Cultura, estilo e curiosidades
 - 16 1.3 Marcos históricos
- 19** **2. PERSONALIDADES DO SURFE BRASILEIRO**
 - 19 2.1 Gabriel Medina
 - 20 2.2 Ítalo Ferreira
 - 22 2.3 Maya Gabeira
 - 23 2.4 Davi Teixeira, o Davizinho Radical
- 25** **3. ENSINANDO A MONTAR: IMPLEMENTOS PARA A PRÁTICA DE SURFE UTILIZANDO MATERIAIS RECICLÁVEIS, REUTILIZÁVEIS E DE BAIXO CUSTO**
 - 26 3.1 A prancha
 - 26 3.2 Materiais necessários para a construção da prancha
- 27** **4. REFERÊNCIAS**



1. O Surfe: conceitos e um breve passeio pela história

A origem exata de determinados esportes e fenômenos culturais não é fácil de definir, isso porque a dinâmica social torna difícil a compreensão da sua criação ou origem. No entanto, estudos demonstram que há registros de que os polinésios se equilibravam em celebrações sobre tábuas de madeira, com homens, mulheres e crianças participando dessa prática tradicional. A prática de deslizar sobre as ondas encontrou, especialmente no Havaí, terreno fértil para seu amplo desenvolvimento como elemento da cultura local, influenciando na dinâmica social de um modo abrangente. Nesse contexto, a descoberta do Surfe pelos europeus, inicialmente com a tripulação conduzida pelo capitão James Cook, em 1778, foi motivo de encantamento e admiração, especialmente pela relação implícita com o mar, ou seja, estudos indicam o surgimento do Surfe na Polinésia, uma ilha localizada no Oceano Pacífico, onde as pessoas viviam da pesca e usavam as “pranchas” com objetivo de otimizar as atividades cotidianas.

Somente quando chegou ao Havaí a prática passou a ser recreativa e algumas técnicas foram aperfeiçoadas. Os polinésios foram os primeiros a desenvolver a prática do Surfe como parte de sua cultura; os havaianos desempenharam um papel crucial na modernização e popularização do esporte no século XX. Duke Kahanamoku (1890–1968) e George Freeth são pessoas que ocupam um papel importante na transição do Surfe de uma prática cultural tradicional para um esporte mundialmente reconhecido.

O surgimento do Surfe nos Estados Unidos, como uma prática corporal e esportiva nova, nos anos 1950, é frequentemente associada às ideias de contracultura e rebeldia para a sua época. Em 1990, no Havaí, Duke Kahanamoku, um dos pioneiros do Surfe, desempenhou um papel crucial na popularização desse esporte em uma época em que ele ainda não era amplamente conhecido.

Duke Kahanamoku foi um renomado nadador e Surfista havaiano que desempenhou um papel fundamental na popularização do Surfe fora do Havá e fazia campanha em favor da inclusão do Surfe nas Olimpíadas. Duke ganhou medalhas de ouro e prata nos Jogos Olímpicos, de 1912, 1920 e 1924. Uma curiosidade é que ele ainda foi atleta, integrando o time americano de polo aquático em 1932, na cidade de Los Angeles. Ele ajudou a estabelecer o estilo de nado crawl, conhecido por sua velocidade e eficiência, e é frequentemente referido como o “pai do Surfe moderno”. Foram conquistadas por ele 5 medalhas em 3 jogos diferentes.



Duke Kahanamoku com sua prancha de Surfe de sequóia sólida, em Corona Del Mar, Califórnia, em 1921 (Fonte wikipédia, disponível em 07/09/2024)

O desenvolvimento da mídia especializada passou a construir um rico imaginário social da modalidade do Surfe, inaugurando um mercado consumidor que aglutina e consolida um estilo de vida praiano, irreverente e revolucionário - gestado ao ritmo dos "The Beach Boys", pioneiros da Surfe music nos EUA.

Um marco na definição do Surfe moderno é o surgimento e desenvolvimento das fábricas de prancha. A história do Surfe se entrelaça com a história dos equipamentos. A consolidação dos modelos, materiais e tecnologias de Surfwear está diretamente ligada à consolidação do esporte e à criação de seus estilos. À medida que as pranchas foram sendo aperfeiçoadas, o esporte foi difundido, pois o nível de habilidade e complexidade das manobras progrediu, enquanto a força necessária para realizá-las foi reduzida, uma vez que os equipamentos proporcionaram maior facilidade.

Com o processo de esportivização surgem também as primeiras competições, as definições de estilos e critérios de julgamento, e a consolidação dos estilos legítimos de surfar. Cabe apontar que, no mundo esportivo, diversas áreas passaram a se movimentar para atender também às demandas de mercado. Além de movimentar o mercado midiático e de equipamentos, como o das próprias pranchas, foi preciso também mobilizar um amplo conjunto de agentes e instituições, como juizes, federações esportivas, promotores de eventos, técnicos esportivos, outros profissionais como fisioterapeutas, nutricionistas, professores de Educação Física, abertura de escolinhas e fotógrafos.

O Brasil, inclusive, é um dos países que mais movimentou financeiramente o mercado esportivo do Surfe. Com uma costa de 7.491 quilômetros de extensão, o país é uma das potências mundiais dessa prática, juntamente com os Estados Unidos da América e a Austrália. Há um quantitativo expressivo de audiência desse esporte no Brasil.

No Brasil

O primeiro registro de surfistas no Brasil é dos anos de 1930, contudo acredita-se que, em terras tupiniquins, pode ter começado desde os povos originários com suas canoas escavadas de um único tronco de árvore, que poderiam ter voltado surfando após um dia de pesca. Apesar de críveis, essas afirmações não detêm registros fidedignos.

Para o Surfe brasileiro, um garoto nascido em 1917 na cidade de Nova York, Estados Unidos, cuja família se mudou para Santos em 1930, é considerado o pioneiro na arte de surfar ondas em nosso país. Thomas Ernest Rittscher Júnior surfou com sua “tábua havaiana” na Praia do Gonzaga, quando tinha apenas 16 anos. Thomas Rittscher junto com sua Irmã Margott, construíram suas pranchas a partir de um esquema da revista americana Popular Mechanics. A primeira prancha do Brasil pesava entre 50 e 60 kg e tinha quase quatro metros de comprimento. Ambos são considerados pioneiros na arte de surfar no Brasil.

Os primeiros surfistas cariocas famosos surgiram apenas nos anos de 1950, usando pranchas improvisadas de madeirite. Já os primeiros profissionais apareceram em 1970, quando surgiram os campeonatos da modalidade, reconhecida oficialmente como esporte só no fim da década de 1980. Atualmente temos diversos representantes disputando campeonatos mundiais.

A apreensão e desenvolvimento do Surfe no Brasil se dá nos anos 1960, especificamente nas praias do Arpoador e Copacabana no Rio de Janeiro. O Surfe brasileiro dos anos 1960 tem uma forte relação com a juventude das altas classes sociais da época, que possuíam o privilégio de não precisar trabalhar e desta maneira passavam os seus dias na praia, praticando a pesca submarina, o nado e a nova prática advinda a América do Norte, o Surfe.

Há forte influência de filmes e músicas sobre as representações acerca do Surfe, que tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, foram produzidos abordando a prática e toda a cultura envolvida neste novo “estilo de vida” que estava crescendo. Para muitos, esse novo estilo de vida, pautado em gírias, roupas e afastamento das pressões sociais, enraizadas na elite e suas rígidas condutas, representava certa indecorosidade e sinal de pouca afeição ao trabalho.

No Brasil, a música Menino do Rio, composta em 1977 por Caetano Veloso e interpretada por Baby Consuelo, imortalizou um surfista carioca que frequentava a praia de Ipanema. O rapaz chamado José Arthur Machado, conhecido como Petit, representava esse estilo de vida que era construído a partir da representação do estereótipo de ser surfista. Petit era habilidoso com a prancha e era reconhecido também pela pele bronzeada, cabelos compridos e loiros, sendo considerado um dos galãs da praia por muitos anos.

A construção histórica do Surfe no Brasil ocorreu através da formação de uma geração de grandes atletas, como Gabriel Medina, Adriano de Souza, Ítalo Ferreira e Filipe Toledo.

A partir de 2010 um fenômeno que dominou o Surfe mundial ficou conhecido por “Brazilian Storm”. Esse fenômeno descreve o impacto significativo dos Surfistas brasileiros no cenário internacional, especialmente no Championship Tour (CT) da World Surfe League (WSL).

O termo “Brazilian Storm” foi popularizado pela mídia e pelos comentaristas de Surfe para descrever o surgimento e a ascensão de uma nova geração de surfistas brasileiros que começaram a dominar competições internacionais. O fenômeno começou a ganhar destaque na década de 2010, quando um grupo de surfistas brasileiros começou a alcançar consistentemente altas posições no Circuito Mundial de Surfe.

Os principais Surfistas do Brazilian Storm que já conquistaram 7 títulos mundiais foram: Gabriel Medina (3 títulos 2014, 2018, 2021), Adriano de Souza (mineirinho, 1 título, 2015), Italo Ferreira (1 título 2019), Filipe Toledo (2 títulos 2022, e 2023) e Tatiana Weston-Webb (medalha de prata, olimpíadas - 2024). Gabriel Medina foi o primeiro brasileiro a ganhar o Campeonato Mundial de Surfe, conquistando o título em 2014. Medina é conhecido por sua habilidade em manobras inovadoras e sua forte presença competitiva.

Italo Ferreira conquistou a medalha de ouro no Surfe nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 e já havia vencido o campeonato mundial em 2019. Ferreira é famoso por suas manobras agressivas e estilo ousado, e seu sucesso no CT também contribuiu para o Brazilian Storm. Filipe Toledo é conhecido por sua velocidade e habilidade em ondas rápidas. Ele tem sido um dos principais concorrentes no CT e é uma figura chave no fenômeno do Brazilian Storm. Tatiana Weston-Webb é uma das principais surfistas brasileiras no circuito feminino, conquistando nos Jogos Olímpicos de Paris, em 2024, a medalha de prata. Sua presença e sucesso ajudaram a expandir o impacto do Brazilian Storm para o Surfe feminino.

Os surfistas brasileiros são conhecidos por seu estilo agressivo e inovador, com manobras aéreas e ataques de alta performance. Eles trouxeram um novo nível de energia e criatividade para o Surfe competitivo. Muitos surfistas do Brazilian Storm têm acesso a treinamento de alto nível e infraestrutura, o que contribui para seu desempenho excepcional. Além disso, o ambiente competitivo e o apoio de patrocinadores têm sido fundamentais para o sucesso desses atletas. O fenômeno do Brazilian Storm não apenas elevou o perfil dos Surfistas brasileiros no cenário global, mas também ajudou a popularizar o Surfe no Brasil e a inspirar uma nova geração de surfistas no país. O Bra-

zilian Storm representou uma mudança significativa no Surfe profissional, demonstrando que os atletas brasileiros podem competir e vencer em um nível global. Tal movimento é um fenômeno que destaca o impacto e a influência dos Surfistas brasileiros no Surfe mundial. O Brazilian Storm continua a ser uma força dominante no circuito mundial de Surfe.

Outros três esportistas importantes para a história do Surfe são Luana Silva, João Chianca (Chumbinho) e Pedro Paulo Guise Carneiro Lopes (Pepê). Juntos, Luana, Chumbinho e Pepê representam diferentes gerações e facetas do Surfe brasileiro, contribuindo para a expansão e o reconhecimento do esporte tanto no Brasil quanto no cenário internacional.

1.1. REGRAS BÁSICAS

O Surfe olímpico é dividido em categorias masculina e feminina, com cada categoria apresentando competidores que são avaliados por juízes com base em critérios como a dificuldade e a execução das manobras realizadas nas ondas. A competição de Surfe olímpica foi realizada pela primeira vez nas ondas da praia de Tsurigasaki, localizada na cidade de Ichinomiya, Japão. Os eventos foram disputados em um formato de eliminação direta.

No Surfe há regras específicas e formato das competições divididas em eliminatórias e baterias. Nas eliminatórias, os competidores são divididos em baterias visando avançar para a próxima fase. Cada bateria possui um número específico de competidores, que normalmente são 4. A competição em geral dura de 30 a 40 minutos. Os pontos são determinados a partir das manobras, avaliadas pelos juízes que pontuam conforme a dificuldade, inovação, fluidez e estilo. A pontuação varia de 0 a 10 e é determinada pela soma das duas melhores ondas surfadas pelo atleta na bateria. O que determina o vencedor da bateria é a nota mais alta entre as ondas do competidor, ou seja, a onda de melhor nota. A forma de contagem pode mudar, por exemplo, nos Jogos Olímpicos os(as) surfistas pontuam em cada onda que surfam, as notas serão dadas por onda, mas apenas os dois maiores valores serão contabilizados. Por fim, será feita a média dos melhores valores.

1.2. CULTURA, ESTILO E CURIOSIDADES

Existem algumas maneiras de se vestir, se portar e se comunicar muito comum às pessoas que praticam o Surfe. Algumas gírias ou palavras são particulares para esse público. Abaixo iremos expor o vocabulário com algumas das palavras comuns do dia a dia dos e das surfistas:

DROP - Ação de descer a onda logo após pegá-la.

CALDO - Quando o surfista é derrubado pela onda e é jogado debaixo d'água.

TUBO – Na ocasião em que o surfista entra na parte oca da onda, onde a água forma uma espécie de túnel.

MAROLA – Ondas que não são boas para surfar, consideradas pequenas.

CAVADA - Manobra onde o surfista faz uma curva acentuada na base da onda, para ganhar velocidade.

ALÉREO - Manobra em que o surfista salta com a prancha sobre a onda.

LINE UP - Área onde as ondas começam a quebrar e os surfistas ficam esperando para pegar a onda.

Sessão - Período de tempo dedicado a surfar.

DROPAR - Ato de descer a face da onda logo após pegá-la.

CAIXA D'ÁGUA - Uma onda grande, geralmente associada a mares maiores e mais pesados.

CASCA GROSSA - Surfista experiente, que encara qualquer condição de mar.

SWELL - é um termo usado pelos surfistas que se refere as ondulações do mar geradas por ventos distantes que viajam por longas dis-

tâncias antes de chegar à costa. O swell é responsável por criar as ondas que os surfistas pegam. E são classificadas como Ground swell, geralmente criam ondas maiores, que são ondas mais previsíveis e geradas por tempestades e ventos distantes; as Wind swell (swell de vento) que são geralmente curtas e pouco atraentes aos surfistas. Os surfistas monitoram as previsões de swell para planejar suas sessões de Surfe.

Além disso, é muito comum entre os surfistas o uso de aplicativos ou sites que indiquem as condições do vento, que podem ser favoráveis ou não à prática de Surfe. Por vezes, eles e elas usam algumas gírias para especificar e descrever algumas condições do vento que são imprescindíveis aos surfistas. Esses termos os ajudam a decidir se vale a pena ir para o mar.

As variações no vento incluem terral, maral, vento lateral, lestada e vento forte. O terral é um dos preferidos dos Surfistas, pois costuma manter as ondas bem formadas. O maral, quando o vento sopra do mar para a terra, geralmente deixa as ondas mexidas e não é tão favorável para o Surfe. O vento lateral, que sopra lateralmente à costa, também costuma deformar as ondas, dificultando a prática. A lestada refere-se aos ventos que vêm do leste e pode afetar a formação das ondas de diferentes maneiras, dependendo da localização. Já o vento forte, quando a velocidade do vento é alta, prejudica as condições para o Surfe.

Além da vivência do Surfe, o conhecimento sobre o contexto da prática, os equipamentos, o planejamento e a instrução também são conhecimentos importantes para o ensino. Afinal, quais são os melhores lugares do mundo para surfar? Os melhores lugares para surfar no mundo incluem Pipeline no Havaí, famoso por suas ondas tubulares perfeitas, Uluwatu em Bali, conhecido por suas longas e consistentes ondas, e Jeffreys Bay na África do Sul, com sua icônica onda direita longa. Outros destinos renomados são a Gold Coast na Austrália e Jaws em Maui, conhecidos por suas ondas desafiadoras e espetaculares.

O Surfe de ondas gigantes é o ser humano enfrentando a natureza no grau mais elevado de seu poder físico e psicológico. Mais do que um esporte, Surfe é uma cultura. Nazaré, Portugal, é um dos destinos mais renomados para o Surfe de ondas grandes, conhecido por suas ondas gigantes que podem superar 30 metros em condições ideais, é um dos lugares favoritos dos entusiastas do Surfe. Em 2024, Lucas Chumbo, irmão mais velho de João Chianca, o Chumbinho, foi o campeão de Nazaré em duas categorias: maior onda surfada e melhor performance surfando uma onda de aproximadamente 27 metros de altura.

1.3. MARCOS HISTÓRICOS

1930 - Thomas Rittscher construiu sua prancha a partir de um esquema da revista americana Popular Mechanics em Santos (Sp).

1952 - Ocorreu a introdução das primeiras pranchas de Surfe no Brasil. Também eram construídas de madeirite ou isopor revestido por saco de sisal. Um grupo de cariocas, liderado por Paulo Preguiça, Jorge Paulo Lemann e Ireny Beltrão foram um dos primeiros a surfar na praia de Copacabana com pranchas de madeirite.

1964 - Chegam as primeiras pranchas de fibra de vidro importadas dos EUA.

1972 - Em 1972, tem início o primeiro “Festival de Surfe de Ubatuba”, competição que reuniu surfistas de todo o Brasil.

1980 - Ano em que o Surfe brasileiro começou a ganhar notoriedade internacional, com surfistas como Carlos Burle e Picuruta Salazar destacando-se em competições.

1983 - Fábio Gouveia conquistou uma etapa do Campeonato Mundial de Surfe (WCT), consolidando a presença do Brasil no cenário mundial.

1998 - Fundada no Rio de Janeiro a Confederação Brasileira de Surfe.

1999 - Gabriel Medina e Miguel Pupo são revelações no cenário internacional, mostrando o potencial crescente do Surfe brasileiro.

2002 - Jaqueline Silva é vice-campeã mundial de Surfe (WCT).

2008 - Silvana Lima é vice-campeã mundial de Surfe (WCT).

2009 - Silvana Lima é vice-campeã mundial de Surfe (WCT).

2014 - Gabriel Medina conquistou seu primeiro título mundial, tornando-se o primeiro brasileiro a ganhar o WSL.

2015 - Silvana Lima e Tatiana Weston-Webb consolidam suas posições como líderes no Surfe feminino, mostrando a força das atletas brasileiras no cenário mundial. Adriano de Souza é campeão mundial.

2016 - O Surfe foi incluído no programa olímpico em 2016, durante a 129ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI) no Rio de Janeiro.

2018 - Gabriel Medina é Bicampeão Mundial de Surfe.

2019 - Ítalo Ferreira Campeão Mundial de Surfe.

2021 - O Surfe fez sua estreia olímpica em Tóquio. Gabriel Medina e Ítalo Ferreira representaram o Brasil, com Ítalo Ferreira conquistando a medalha de ouro na competição masculina. Além disso, Ítalo Ferreira conquistou a primeira medalha de ouro do surfe para o Brasil nas Olimpíadas de Tóquio. Neste ano, Gabriel Medina se sagrou tricampeão mundial.

2022 - Filipe Toledo é Campeão Mundial de Surfe.

2023 - Filipe Toledo é Bicampeão Mundial de Surfe.

2024 - Nos Jogos Olímpicos de Paris, Tatiana Weston-Webb conquistou a medalha de prata na competição feminina. Sua conquista foi um marco significativo para o Surfe feminino no Brasil. Gabriel Medina ganhou a medalha de bronze no Surfe. Lucas Chumbo é campeão nas ondas gigantes de Nazaré.

2 Personalidades do Surfe Brasileiro

2.1. GABRIEL MEDINA



Fonte: CNN Brasil (Foto registrada nos Jogos Olímpicos de 2024)

Gabriel Medina, nascido em 22 de dezembro de 1993, em São Sebastião, São Paulo, é um dos surfistas mais renomados e influentes do mundo, conhecido por suas conquistas impressionantes e pelo impacto que teve no Surfe profissional. Gabriel competiu em Tóquio, e apesar do destaque na modalidade, foi eliminado antes das finais. Medina é um dos surfistas mais reconhecidos mundialmente e já conquistou títulos importantes no Circuito Mundial de Surfe.

Em 2014 Gabriel Medina se tornou o primeiro brasileiro a vencer o Campeonato Mundial de Surfe da WSL, estabelecendo-se como um dos melhores surfistas do mundo. Em 2018 ele conquistou seu segundo título mundial, solidificando sua posição. O seu terceiro título mundial veio em 2021, no WSL Finals, que ocorreu em Lower Trestles, na Califórnia.

Medina ganhou a medalha de bronze no Surfe nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 e venceu ainda várias etapas do Circuito Mundial de Surfe (CT), incluindo algumas das competições mais prestigiadas como o Billabong Pipe Masters e o Quiksilver Pro.

Além dos títulos mundiais e da medalha olímpica, Medina recebeu diversos prêmios e reconhecimentos ao longo de sua carreira, incluindo os prêmios de Melhor Surfista do Ano (2014, 2018 e 2021) e vários outros troféus em competições. Medina também está envolvido em projetos sociais e em causas que visam ajudar a comunidade e promover o esporte entre jovens no Brasil.

Além da medalha olímpica, um outro momento protagonizado por Medina ficou marcado nos Jogos Olímpicos de 2024: uma foto na qual o surfista salta com a prancha ao seu lado e com o dedo apontado para cima. O registro icônico foi realizado pelo fotógrafo francês Jerome Brouillet.

2.2 ÍTALO FERREIRA



Fonte: COB (Foto feita nos Jogos Olímpicos de Tóquio)

Ítalo Ferreira, nasceu em 6 de maio de 1994, em Baía Formosa - Rio Grande do Norte. Ele é um dos Surfistas mais proeminentes do mundo e uma figura central no Surfe moderno. Conhecido por seu estilo ousado e habilidades excepcionais, Ferreira tem uma carreira repleta de conquistas notáveis.

O atleta conquistou o título de Campeão Mundial de Surfe da WSL, em 2019. Sua vitória foi um marco significativo na história do Surfe, consolidando-o como um dos melhores surfistas mundiais.

Ferreira ganhou a medalha de ouro no Surfe durante os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, um evento que marcou a estreia do Surfe nas Olimpíadas. Sua conquista foi histórica, por ter sido a primeira vez que o Surfe foi praticado no programa olímpico. Ou seja, ele foi o primeiro medalhista de ouro olímpico de toda história.

Ítalo Ferreira tem várias vitórias em etapas do Circuito Mundial de Surfe (CT), incluindo etapas importantes como o Quiksilver Pro e o Rip Curl Pro. Seu desempenho em diversas competições ajudou a consolidar sua reputação no Surfe mundial.

O surfista tem papel crucial na popularização do Surfe no Brasil, especialmente após seu título mundial e ouro olímpico. Seu sucesso atraiu o interesse de mais praticantes do esporte no país. Sua jornada e conquistas servem como motivação para aspirantes a surfistas que sonham em competir ao nível internacional.

Ferreira também está envolvido em projetos sociais e iniciativas que visam apoiar a comunidade e promover o esporte entre os jovens, contribuindo para a formação e desenvolvimento de novos talentos. O atleta também vem de uma família com fortes laços com o Surfe e a cultura praiana.

O atleta é amplamente reconhecido como um dos maiores Surfistas da sua geração e teve reconhecimento em dezembro de 2022, ao ser condecorado pelo governo brasileiro com a Ordem de Rio Branco, no grau de Comendador. Seu legado é marcado por suas conquistas impressionantes, seu estilo inovador e sua influência positiva no Surfe mundial. O Surfista é também considerado o primeiro brasileiro a entrar para o Hall da Fama do Surfe.

2.3 MAYA GABEIRA



Fonte: Conexão boas notícias

Maya Gabeira, nascida em 11 de abril de 1987, no Rio de Janeiro, é uma surfista brasileira de renome internacional, conhecida por suas conquistas em ondas grandes e por seu impacto no Surfe feminino. Originária de uma família com ligação ao Surfe, seu pai, Ricardo Gabeira, é um grande entusiasta do esporte e influenciou sua carreira desde cedo.

Maya Gabeira recebeu diversos prêmios e reconhecimentos por suas atuações em ondas grandes, incluindo o prêmio de Melhor Performance Feminina em Ondas Gigantes no Big Wave Awards. Em 2020, Gabeira quebrou seu próprio recorde mundial (antiga marca de 68 pés - 20,72 metros) da maior onda surfada por uma mulher. Ela pegou uma onda de 73,5 pés (22,4 metros) em Nazaré, Portugal. O feito de Gabeira foi oficializado pelo Guinness World Records, registro de um importante marco na história do Surfe. Seu sucesso ajudou a aumentar a visibilidade do Surfe feminino no cenário global.

A atleta já viveu inúmeras situações arriscadas na modalidade, o que a levou a intensificar seus treinos. Um exemplo disso é o ocorrido em 2011 no Taiti, quando Maya caiu durante uma manobra e foi atingida por várias ondas, sendo resgatada pela equipe de apoio. Essa experiência fez com que ela treinasse ainda mais sua apneia, o que a levou a alcançar a marca de quatro minutos submersos.

2.4 DAVI TEIXEIRA, O DAVIZINHO RADICAL



Fonte: O Dia

Davi Teixeira conhecido como Davizinho Radical, campeão mundial de Surfe adaptado, é um jovem surfista brasileiro que tem se destacado no cenário do Surfe nacional e internacional. Nasceu em 26 de setembro de 2007 em Florianópolis, Santa Catarina. Davizinho Radical, é um jovem surfista com um futuro promissor. Seu talento, estilo radical e desempenho em competições estão chamando a atenção do mundo do Surfe, e ele é visto como uma estrela em ascensão que pode trazer novas dimensões para o Surfe nos próximos anos.

Davi Teixeira começou a surfar ainda muito jovem, mostrando grande talento e paixão pelo esporte desde seus primeiros anos. Ele ganhou notoriedade por seu estilo radical e habilidades impressionantes para sua idade e tem se destacado em várias competições locais e regionais no Brasil. Ele tem mostrado um desempenho excepcional em campeonatos de jovens surfistas, o que ajudou a estabelecer sua reputação como um jovem promissor.

Embora ainda esteja em fase de desenvolvimento, Davi tem participado de competições no Circuito Mundial Júnior, competindo contra alguns dos melhores jovens surfistas do mundo. Conhecido por seu estilo radical e manobras ousadas, Davizinho Radical impressiona os juízes e os espectadores com sua habilidade técnica e criatividade nas ondas. Seu estilo agressivo e inovador é um dos fatores que contribuem para seu destaque.



3 Ensinando a montar: implementos para a prática do Surfe utilizando materiais recicláveis, reutilizáveis e de baixo custo

Você sabia que é possível surfar usando uma prancha construída com materiais recicláveis e de baixo custo? É fácil, divertido, barato e você ajuda a preservar o meio ambiente, contribuindo para um mundo mais sustentável.

3.1. A PRANCHA

Materiais necessários para a construção da prancha



GARRAFA PET



TESOURA

GELO SECO



4 Referências

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. "Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no Surfe universitário paulistano. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, Mar 2011.

BOTELHO, Gabriel. Surfe: Italo Ferreira é o primeiro brasileiro a entrar no hall da fama. **Correio brasileiro**. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURFE. Disponível em: <https://cbSurfe.org.br/> Acesso em: 17/03/2023.

CBN Recife. Ítalo Ferreira é ouro em Tóquio e é o 1º campeão olímpico no Surfe. **CBN Recife**. Disponível em: <https://www.cbnrecife.com/artigo/italo-ferreira-e-ouro-em-toquio-e-1-campeao-olimpico-no-Surfe>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CNN. Medina x Kanoa: Neymar e brasileiros respondem post antigo de Surfista japonês. **CNN Esportes**, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/olimpiadas/medina-x-kanoa-neymar-e-brasileiros-respondem-post-antigo-de-Surfista-japones/> acesso em 28/08/2024.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Movimento. Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 257-286, outubro/dezembro de 2009. Disponível em: [Vista do O SURFE E A MODERNA TRADIÇÃO BRASILEIRA \(ufrgs.br\)](http://www.ufrgs.br/vista-do-o-surfe-e-a-moderna-tradicao-brasileira)

DINES, Breno. Maya Gabeira bate o próprio recorde mundial de maior onda já Surfada por uma mulher: 22,4m. **GE Rio de Janeiro**, 2020.

FERREIRA, Felipe; FORELL, Leandro. Percepções docentes sobre inclusão do Surfe como conteúdo nas aulas de Educação Física de escolas litorâneas. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - vol.21, n.2, 2022 - ISSN: 1981-4313

FERREIRA, Felipe. **Surfe na escola?** Percepções docentes acerca do Surfe em aulas de Educação Física Escolar. Dissertação (Mestrado)-Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2022.

GLUSZCZUK, Rafaela. **O Surfe na Educação Física Escolar**: relações entre a legislação e a prática pedagógica. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Educação Física Licenciatura. (2019) Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199708>

Galeria do Surfe. eMuseu, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/3D/v2/saloon_2/134/index.html?gallery=134 Acesso em: 17/03/2023.

<https://safesea.com.br/blog/Surfe/confira-10-curiosidades-sobre-o-Surfe/>

<https://www.scielo.br/j/refuem/a/bzFh3KHxwR3WrVCGMpBQ-7FK/?lang=pt>

MURTA, Josy Gomes. Maya Gabeira bate o próprio recorde mundial de maior onda já Surfeada por uma mulher: 22,4m. **Conexão Boas notícias**. 2020 Disponível em: <https://www.conexaoboasnoticias.com.br/maya-gabeira-bate-o-proprio-recorde-mundial-de-maior-onda-ja-Surfeada-por-uma-mulher-224m/> acesso em: 28/08/2024.

SILVA, Bruno; CRUZ, Gonçalo; BENTES, Renato; LIMA, Ricardo Franco. A prática de Surfe no currículo de Educação Física e os impactos na qualidade de vida dos estudantes. **J. Phys. Educ.** 33 • 2022.

O DIA. Davizinho Radical conquista título no Havaí, **O dia**, 2018 Disponível em: <https://odia.ig.com.br/esporte/2018/08/5569568-davizinho-radical-conquista-titulo-no-havai.html>. Acesso em 28/08/2024.

RAMOS, Valmor; BRASIL Vinicius Zeilmann; GODA, Ciro. O conhecimento pedagógico para o ensino do Surfe. **Rev. educ. fis.** 2013

COORDENADORES AUTORES:

Dra. Patrícia Vigário



Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1263665448871342>

Dra. Bianca Gama Pena



Link do portfólio: <https://www.biancagamapena.com>

Link currículo Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/2631251683978140>

Link do linkedin: <https://www.linkedin.com/in/bianca-gama-pena-b141a478>

Site do eMuseu do Esporte: www.emuseudoesporte.com.br

Dr. Silvio de Cassio Costa Telles



Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9130913958427863>

PROFESSORA AUTORA:

Anna Carolina Carvalho de Souza



Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8353402716233836>



eME
eMuseu do Esporte

